

«Do engenho e da faculdade de julgar»  
(Lição de Antropologia de Kant. *Anthropologie Mrongovius*)

Apresentação

«*On Wit and Faculty of Judgment*»  
(*Kant's Anthropology Lecture. Anthropologie Mrongovius*)

*Presentation*

Fernando M. F. Silva\*

Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa, Portugal

O presente texto, de que se dá em seguida a tradução portuguesa, consiste numa lição de antropologia versando engenho [*Witz*] e faculdade de julgar [*Urtheilskraft*], intitulada «Vom Witz und Urtheilskraft». A lição foi proferida por Kant durante o ano lectivo de 1784/85, transcrita pelo seu aluno Mrongovius, e concordantemente colocada entre o grupo de lições por este transcritas no volume 25.2 da *Akademie Ausgabe*, respeitantes às *Lições de Antropologia* do filósofo, mais especificamente, em AA, 25.2: 1262-1272.

A lição em questão, e o importante tema que ela encerra, não seriam porém ocorrência única nos dois volumes das lições recolhidas. São aliás *sete*, as lições que Kant devota ao problema do engenho, e de que esta de 1784/85 faz parte; e se não são tantas quantas as divisões das lições que até nós chegaram, e que estão reunidas na *Akademie-Ausgabe*, é porque em Parow, Kant dedica duas lições ao tópico do engenho, ao passo que

---

\*Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E-mail: [frndsilva@portugalmail.pt](mailto:frndsilva@portugalmail.pt).

em Pillau, Kant devota-lhe não tanto uma lição, mas apenas uma breve menção do problema. A primeira versão, datada de 1772/73, intitulou-a Kant «Vom Witz und Scharfsinnigkeit». As restantes receberiam, com maior ou menor exactidão de termos, um título similar ao da nossa lição: «Vom Witz und von der Urtheilskraft»<sup>1</sup>. Outra circunstância importante, por certo não apenas fortuita, é que os textos surgem invariavelmente ladeados de lições de tema similar ao do engenho, a saber, versando «Die Stärke der Phantasie», «Vom Vermögen zu Dichten», «Von den eigentlichen Sinnbilder, oder Symbolis» ou «Vom unwillkürlichen Dichten»; temas que, dir-se-ia, desde logo encaixam a reflexão kantiana sobre o engenho e a faculdade de julgar justamente entre os domínios do entendimento e da imaginação, mas também da filosofia e da poesia – o âmbito que, por sinal, viria a ser o da análise kantiana ao conceito de engenho.<sup>2</sup>

Ao se abordar o *conteúdo* da lição em si, e se comparar este com aquele das outras versões versando o mesmo tema, constatamos que também aqui a recorrência se mantém, dela relevando aquela que facilmente se diria ser a trave-mestre das referidas lições sobre «engenho» em Kant. A saber, *ao engenho opõe-se a faculdade de julgar, e isso tanto na sua função de faculdades do ânimo opostas, quanto nas suas próprias índoles*, as quais, como se verá, para esta cisão tanto contribuem. Assim, diz Kant, natural é que entre as coisas não haja a mínima semelhança (AA, 25.1: 132), a não ser aquela que o sujeito crie para si; isto é, só o homem pode, só ao homem compete, criar tais semelhanças invisíveis; e aí, no processo de criação das mesmas, o *engenho* é o *poder de comparar as representações*, isto é, a faculdade para, olhando para os objectos de modo diferente, e neles descobrindo pontos de contacto, criar essas semelhanças como que do nada, e a *faculdade de julgar*, por seu turno, é o poder para, mediante *diferenciação e associação das representações provindas do engenho, os determinar coincidentes ou não com a verdade* dos objectos no espírito humano e, como tal, por fim aceitar ou não tais representações naquele que é o domínio de conhecimento do espírito humano.

O engenho, dir-se-ia pois, *cria analogia entre as coisas*; e porque esse feixe é invisível, na medida em que não há entre as coisas ligações aparentes, ele tem de ir para além dessa aparência, e descobrir não comuns semelhanças, mas justamente *as mais*

<sup>1</sup> A saber: «Vom Witz und Scharfsinnigkeit» (Collins, AA, 25.1: 132-139); «Vom Witz und von der Urtheilskraft. oder vom Vermögen Aehnlichkeit und Unterschied zu bemerken» (Parow, AA, 25.1: 310-328); «Vom Witz und von der Urtheilskraft» (Parow, AA, 25.1: 341-358); «Vom Witz und der Urtheils Kraft» (Friedländer, AA, 25.1: 515-520); «ad §572» (Pillau, AA, 25.2: 754-756); «Von dem Vermögen unserer Seele, Vergleichen anzustellen» (Menschenkunde, AA, 25.2: 959-974); «Vom Witz und Urtheilskraft» (Mrongovius, 1262-1272); «Von dem Witz und der Urtheilskraft» (Busolt, AA, 25.2: 1459-1462).

<sup>2</sup> O tema do engenho em Kant foi, até hoje, alvo de escasso interesse; ou então, mais frequentemente, de um interesse meramente pontual, complementar, servindo a análise de outros temas. Entre os contributos que a isto constituem excepções, por se focarem propriamente sobre o tema da abordagem kantiana ao tópico filosófico do engenho, destaco, entre outros: Best, Otto F., *Der Witz als Erkenntniskraft und Formprinzip*, especialmente o sub-capítulo «“Hülle für die Vernunft“: I Kant», pp. 64-66, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989; Ritzel, Wolfgang, «Kant über den Witz und Kants Witz», in *Kant-Studien* 82 (1):102-109 (1991); «Witz und reflektierende Urteilskraft in Kants Philosophie», en Bacin et alii (ed.): *Kant und die Philosophie in weltbürgerlicher Absicht*, Berlin & New York: Walter de Gruyter, vol. IV, 487-96; Silva, Fernando M. F., «“Zum Erfinden wird Witz erfordert”». On the evolution of the Concept of Witz in Kant’s *Anthropology Lectures*», in *Kant’s Lectures/Kants Vorlesungen*, pp. 121-132, ed. Bernd Dörflinger, Claudio la Rocca, Robert Loudon, Ubirajara R. De A. Marques, Berlin/Boston, W. de Gruyter, 2015.

*inusitadas, as mais singulares destas* (AA, 25.1: 311, 516, etc.); e portanto, «o engenho tem uma utilidade positiva, e, por certo, a de expandir os nossos conhecimentos, e dar-lhes uma aplicação ampla» (AA, 25.2: 1263)<sup>3</sup>; já a faculdade de julgar, precisa de usar da mesma subtileza na análise aos materiais que lhe são dados pelo engenho; mas isso, guiando-se ao mesmo tempo pelas suas mais gerais e inflexíveis regras, a fim de jamais se desviar da aplicação destas; sim, pois se o engenho é aqui um instrumento da *faculdade de imaginação*, ao serviço da formação de novas imagens e do enriquecimento do espírito humano, a faculdade de julgar liga-se aqui com o *entendimento*, e portanto, trabalha em prol da clarificação e correcta ordenação de tais imagens; ela visa, pois, a rigorosa dieta, a mais estrita economia do campo de conhecimento humano, e portanto, diz Kant, «a faculdade de julgar tem uma utilidade negativa. A saber, ela serve para a distinção de um conhecimento de outro, e portanto para o impedimento de erros.» (id.) –

Mas, como disse, a oposição entre engenho e faculdade de julgar não é apenas uma entre faculdades naturalmente opostas, mas também uma de diferentes *indoles*, a ponto de ambas as faculdades assumirem em Kant características orgânicas, senão mesmo *humanas*. Isto, aliás, o provam palavras do próprio Kant, nesta e noutras lições. Assim, por certo, «O engenho traz as forças [do ânimo] ao movimento. A faculdade de julgar, ao invés, tolhe-as e confina o irrefreamento do engenho.» (AA, 25.1: 135)<sup>4</sup> E, ao assim agirem contrariamente, «O engenho estimula o ânimo mediante amenidade[,] a faculdade de julgar satisfá-lo mediante profundidade.» (AA, 25.2: 1263)<sup>5</sup>; pois «O engenho abre um campo para perspectivas, ele emparelha as coisas, ele dá a uma inspiração [*Einfall*] a força de pôr em movimento um conjunto de outras, e cria novas ideias; a faculdade de julgar deve tolher os incautos excessos do engenho, e trazê-los à ordem.» (id.)<sup>6</sup> Mas a oposição de ambas as faculdades não se esgota nisto. O engenho, aduz Kant, «é mutável, ávido de novidade e torna-se impaciente quando algo o detém por demasiado tempo» (AA, 25.1: 345)<sup>7</sup> (a ponto, diz Kant, de o poeta *preferir enforçar-se do que sonegar o engenho à nascença* (id.: 133)), ao passo que a faculdade de julgar é sóbria, circunspecta e também prudente (tanto assim, que «O engenhoso é livre no ajuizar (...). Aquele que possui faculdade de julgar é circunspecto no ajuizar» (AA, 25.2: 1264))<sup>8</sup>; e portanto, o engenho

<sup>3</sup> Doravante, todas as citações de Kant em língua portuguesa serão da minha autoria, e portanto da minha responsabilidade, à excepção daquelas respeitantes ao «Opponenten-Rede», que extraio da tradução que da peça fez Leonel Ribeiro dos Santos: «Sobre a ilusão poética e a poética da ilusão», Apresentação, Tradução e Notas de Leonel Ribeiro dos Santos, in *Estudos Kantianos*, Marília, v. 2, n.2, pp. 291-314, Jul/Dez.2014. As únicas citações que opto por deixar no original são aquelas extraídas de dicionários, por razões óbvias. Já com respeito às citações da palavra de Kant, elas reportam-se sem excepção à *Akademie-Ausgabe: Gesammelte Schriften*. Hrsg. Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Berlin: Georg Reimer/de Gruyter, 1900ff.

<sup>4</sup> «Der Witz bringt die Kräfte in Bewegung. Die Urtheilskraft hingegen hemmt sie und hält die zugellösigkeit des Witzes im Zaum.»

<sup>5</sup> «Der Witz belebt das Gemüth durch Annehmlichkeit die Urtheilskraft vergnügt es durch Gründlichkeit.»

<sup>6</sup> «Der Witz öffnet ein Feld zu Aussichten, er paart die Dinge, er giebt einem Einfall die Kraft eine Menge von andern in Bewegung zu setzen und schafft neue Ideen; die Urtheilskraft soll die unbedachtsamen Ausschweifungen des Witzes hemmen und in Ordnung bringen.»

<sup>7</sup> «Der Witz ist veränderlich um Neuigkeiten begierig und wird ungeduldig wenn ihn etwas lange aufhält.»

<sup>8</sup> «Der Witzige ist frei im Urtheilen (...). Der Urtheilskraft besitzt ist behutsam im Urtheilen.»

alimenta, o entendimento é por ele alimentado (id.:1263); a disposição da faculdade de julgar é sempre igual, e constante, a do engenho surpreendente, e «repousa sobre uma disposição original do ânimo (id.:1264). A faculdade de julgar cria sempre algo igual, e o engenho «algo novo» (id:1266); e portanto, não pode espantar que «a força do engenho esteja em trazer à vida coisas deveras inesperadas» (id.: 1267), como *bon mots*, inspirações, e a faculdade de julgar, ao invés, regras, ordenação, compartimentação: «O engenho produz inspirações [*Einfälle*] , a faculdade de julgar intelecções [*Einsichten*]» (AA, 25.1: 136)<sup>9</sup>, e «O engenho tem de ser mero veículo, e a faculdade de julgar como realidade.» (AA, 25.2: 1270)<sup>10</sup>.

Assim, por todas estas razões, e para não maçar o leitor, dir-se-ia de um fôlego que o engenho é jovem, «um atributo da juventude» (id.: 1263), a faculdade de julgar velha, [um atributo] da idade madura» (ibid.); a faculdade de julgar é em elevado grau cismática; o engenho é sempre um jogo (AA; 25.1: 517, AA, 25.2: 1266), e um *jogo livree salutar* (pois ele «convalesce (...) o ânimo» (ibid.). O engenho é, pois, «por assim dizer, o prestidigitador na alma humana» (AA, 25.1: 353): ele é efêmero, mutável (id: 137), «impaciente» (id.), até mesmo «sedutor» (ibid: 133); a faculdade de julgar é tarda (ibid: 520), «lenta e séria» (AA, 25.2: 1263).

Por certo, isto bastará quanto à *clara e inequívoca oposição entre engenho e faculdade de julgar* – a qual não existe apenas enquanto tal, antes parece ser visceral em ambas as faculdades – o que, por si só, poderia já introduzir os traços gerais da questão em Kant.

Porém, que me seja aduzir a esta pequena introdução ao texto uma leitura não inteiramente contrária, não divergente em relação a esta, mas que antes poderá vir a complementá-la: a de que *entre engenho e faculdade de julgar possa haver, para Kant, não apenas pura dissensão e afastamento*.

Assim, de modo algum pondo em questão o que se disse, e muito menos faltando à sua própria palavra sobre o tema, Kant reitera em todas as referidas lições a necessária cisão entre engenho e faculdade de julgar: o engenho, sob a forma de *bon mots* e inspirações, como o súbito e singular assomo imagético com que o entendimento se vê confrontado; a faculdade de julgar, como o pólo receptor, analisador e apreciador da validade de tais materiais, um ofício judicioso para o qual tem de usar de toda a sua parcimónia e circunspecção. E nisto, ambas as faculdade não são menos do que diferentes; e, aliás, *assim têm de ser para Kant*. Mas, justamente nesta versão de Mrongovius, diz-se que, malgrado as suas diferenças, «o engenho é insípido quando nada contém em si de entendimento» (AA, 25.2: 1264)<sup>11</sup> - aduzindo Kant a isto os exemplos dos jogos de palavras, ou da própria companhia em sociedade, que é animada pelo engenho, mas que é tornada sem gosto pela «falta da faculdade de julgar» (id.)<sup>12</sup>. Isto é: *o engenho carece da faculdade de julgar, e esta deste*; e isso porque, bem visto o engenho, enquanto ligação,

---

<sup>9</sup> «Der Witz bringt Einfälle, die UrtheilsKrafft Einsichten hervor.»

<sup>10</sup> «Der Witz muss bloss Vehiculum und UrtheilsKrafft wie Realitaet sein.»

<sup>11</sup> «Da der Witz dann schaal ist wen er nichts von Verstand in sich enthält.»

<sup>12</sup> «Der Witz belebt die Gesellschaft der Mangel aber an UrtheilsKrafft darin macht sie abgeschmackt.»

mesmo que inusitada, mesmo que singular, entre as coisas, ele tem de ser porém uma ligação *minimamente (ou ulteriormente)* sensata e racional entre estas, e não uma mera invenção por amor cego ao novo, uma simples manifestação de insensatez, um impulso de loucura – e portanto, *ele tem de ter aí, mesmo após a sua intempestiva passagem no ânimo humano, mesmo no seio do «ruído cego»<sup>13</sup> que inicialmente cria, uma possibilidade de sentido ulterior, não apenas imaginativo ou fantasioso, mas também racional, que justamente lhe possa garantir a oportunidade de ser encarado e aceite pelo entendimento enquanto possível (novo) conhecimento humano*; de outro modo, o engenho seria invariavelmente negado por aquele, bem poderia até não existir enquanto tal. Numa palavra, pois, talvez seja de pensar que, para Kant, e especialmente para o Kant desta lição, o engenho não se opõe apenas à faculdade de julgar, tal como a faculdade de imaginação se opõe ao entendimento, antes isto é necessário na medida em que, com igual necessidade, tem de haver uma qualquer *ligação ulterior* entre aquelas, e também entre estas faculdades superiores, muito para além de uma simples oposição, ou de uma simples cisão. E essa possibilidade de ligação, vê-se já, *é para Kant obra do engenho*.

Assim, e tomando em consideração os anteriores dados, poder-se-ia colocar aqui *duas questões*; por certo, aquelas que mais prementemente derivam da suspeita levantada nesta lição: *primeiro*, de onde vem ao engenho esta para si tão natural, mas para nós tão estranha convivência entre fantasioso e racional, que no fundo é *aquela mediante a qual o engenho vem a oferecer-se à faculdade de julgar, podendo por ela não ser rejeitado, e valendo por isso enquanto tal?* E *segundo*: a existir esta convivência, e a ser ela tão natural para o engenho quanto parece, como se dá ulteriormente a fusão entre contrários, isto é, como pode ser operada e reconstituída esta mesma convivência no espírito humano, sem que o entendimento com isso seja ofendido, e o engenho rejeitado sem mais contemplações?

À *primeira* questão, responderíamos que, não obstante todas as suas características exóticas, esta sua lógica outra, o seu carácter singular, o engenho nunca fora, e muito menos o era na época de Kant, inteiramente desconhecido nem da mera racionalidade, nem do próprio cariz judicioso que é o do entendimento; bem pelo contrário, o engenho privara já de muito perto com estes, e poder-se-ia dizer, e que me seja perdoada a liberdade, que *o engenho conhecia bem os cantos à casa do espírito humano* – e Kant, que por sinal não estava habituado a debruçar-se sobre um assunto sem o esgotar, sabia disso mesmo.

A questão principal é, pois: *que conceito de engenho, ou que fase da história deste conceito, era esta que chegava até à época de Kant?* A resposta a isto, e ao que afirmámos ainda agora, dá-a a própria – e longa – história do conceito na língua alemã.

Assim, originariamente, engenho [*Witz*], ou *wizzi*, vem do sânscrito *vid*, do latim *videre* e do grego *îdeá*, e significava não inventividade, não fantasia, inspiração ou assomo do pensamento, como na época de Kant, mas antes conhecimento, saber, sabedoria, e até

---

<sup>13</sup> «Das Spiel des Witzes gefällt uns wol sehr aber wenn es am Ende ist, sind wir doch nicht damit zufrieden. Der Verstand sucht sich vom ganzen und Manigfaltigen eine Idee zu machen. Kann er das nicht, so ist er unzufrieden.», e nós, aduz por fim Kant, somos deixados com um «blindes Getön».

mesmo razão (*ratio*), *intelligentia*, *prudentia*. Aliás, ao consultarmos o *Altdeutsches Lesebuch*<sup>14</sup>, de Oscar Schade, este diz sobre «wizî, wizzî, wizze» (de *vitan*, ver, observar): «Wißen, Einsicht, Verstand, Weisheit», e sobre «wizîg, wizîe, wizzîg, wizzîe»: «kundig, gnarus, verstândig, klug, prudens, astutus, weise» (AL, II: 731) – e daqui, diz também Eberhard G. Graffno seu *Althochdeutsche Sprachschatz* (1835-1843)<sup>15</sup>, é extraída a sua mais originária significação sensível: a de *ver*, na sua conjugação semântica com a noção de *saber*: «wißen (nicht wissen), scire» (AS, I: 1089); e portanto, *o engenho tem, já na sua origem, uma raiz marcadamente racional*: dir-se-ia, uma ligação à razão, à dissociação própria do conhecer, à singularização própria da consciência de si do Eu que conhece e, por fim, até mesmo à sistematização rígida do ver e do saber científicos – e foi em tempos um conceito de uma *frieza racional*, bem diferente daquele que, cerca de nove séculos depois, foi dado a conhecer à época de Kant.

Com o passar dos séculos, e a chegada do período do alemão médio, entre 1050 e 1350, dá-se porém uma pouco perceptível, mas certa modulação no âmbito semântico do conceito. A saber, dá-se então uma gradual *des-racionalização* do conceito de engenho, sob a forma de uma evolução do mesmo para uma outra faculdade do espírito humano: adquirindo este, pois, uma nova, cada vez mais notória componente judiciosa – isto é, discriminatória, inquisitiva, escrutinante, senão mesmo judicial, e em derradeira instância punitiva. Prova disto, dão-nos, uma vez mais, os dicionários da época: quer Johann C. A. Heyse, no seu *Handwörterbuch der deutschen Sprache* (1833-1849)<sup>16</sup>, dizendo que «Witz» significara outrora «klares Bewußtsein, Besonnenheit, Wissen, Einsicht (...), Klugheit» (HdT, 2.2: 1968), mas que na sua época, não mais assim era; e também Georg F. Benecke, que, no seu *Mittelhochdeutsches Wörterbuch* (1854-1866)<sup>17</sup>, corrobora isto mesmo, dizendo que do alemão antigo para o alemão médio o termo «engenho» mudara, e não pouco, pois «im mhd. ist ich wize (ahd. wizu) ich werfe vor, ich strafe, vgl. lat. animadvertere» (MW, 3: 781). E portanto, numa palavra, o engenho, por certo não abandonando as suas faculdades legisladoras, de razão, transitara agora porém para uma sua faceta executora; e do mundo das meras ideias, ele descera a um mundo intermédio, mais físico, e se não totalmente, pelo menos o suficiente para poder fazer valer estas suas recém-adquiridas competências – por certo, um mundo entre o da razão e o dos meros sentidos, o da vida contemplativa e da vida real. O engenho, dir-se-ia pois – e até para recorrer mais uma vez à tabela kantiana –, era agora cada vez mais *entendimento* (*Verstand*, *judicium*) no seu judicioso processo de dissociação, classificação e conseqüente formação de representações; e quando necessário fosse, o engenho, como o entendimento, traduziria noções de aceitação ou rejeição, e clemência ou punição, e assim seria também durante os

---

<sup>14</sup> Schade, Oscar, *Altdeutsches Lesebuch Gothisch Altsächsisch Alt- und Mittelhochdeutsch, mit Literarischen Nachweisen und einem Wörterbuche* (2 Bde.), Halle, Verlag der Buchhandlung des Waisenhauses, 1866.

<sup>15</sup> Graff, Eberhard G., *Althochdeutsche Sprachschatz, oder Wörterbuch der althochdeutschen Sprache*, Berlin, beim Verfasser und in Commission der Nikolaischen Buchhandlung, 1835-1843.

<sup>16</sup> Heyse, Johann C. A., *Handwörterbuch der deutschen Sprache mit. Hinsicht auf Rechtschreibung, Abstammung und Bildung, Biegung und Fügung der Wörter, so wie auf deren Sinnverwandtschaft*, Magdeburg, bey Wilhelm Heinrichshofen, 1849.

<sup>17</sup> Benecke, Georg F., *Mittelhochdeutsches Wörterbuch, mit Benutzung des Nachlasses*, Ausg. von Wilhelm Müller und Friedrich Zarncke, Leipzig, Verlag von S. Hirzel, 1854-1866.

séculos subsequentes, onde, já bem dentro do alemão moderno, e apesar de inevitáveis mutações semânticas, o engenho continua a ser tomado por *entendimento*, prudência, sensatez, entre outros. E eis como, pouco a pouco, o conceito de engenho toma já aqui uma forma, senão ainda próxima, pelo menos mais próxima daquela que teria na época de Kant, albergando ele mesmo o conceito de faculdade de julgar, e acolhendo em si o campo semântico de *duas* faculdades do ânimo.

E assim seria, até que, dizem-nos os irmãos Grimm, no seu *Deutsches Wörterbuch* (1838-1961)<sup>18</sup>, uma *última influência* viria a causar uma derradeira modulação no termo, e a oferecer-lhe o singular cunho que ele teria aquando da época de Kant, e que ainda hoje não terá perdido por completo.

Essa influência dá-se porque, talvez devido ao carácter originariamente abstracto da palavra, ou devido também à sua ainda insuficiente delimitação nos séculos anteriores, à chegada do séc. XVII, porém, o conceito de engenho «noch keine feste deutsche Bezeichnung [hat]». Ainda e apenas «Witz», o conceito era ainda muito díspar dos seus congéneres «*esprit*», na França, e «*wit*», na Inglaterra; e não fosse a sua ligação com o *ingenium* latino, e poder-se-ia até dizer que este nada teria a ver com aquelas. Mas, à entrada do século XVII, dá-se uma paulatina *desarbitrarização* do conceito de engenho. Ao mesmo tempo que se dá *a elevação da própria estética a disciplina filosófica* (com Baumgarten), *o engenho*, tal como o génio ou o gosto, são elevados a *instrumentos estéticos*. No caso do engenho em particular, o termo eleva-se a *força ou faculdade do ânimo humano*; e encontrando-se «*esprit*», «*wit*» e «*Witz*» *simultaneamente nesta nova condição*, dá-se entre eles uma decisiva *aproximação*, consentânea com a subsequente aproximação, quer pacífica, quer não tão pacífica, entre as literaturas e filosofias dos países em questão em torno dos conceitos acima referidos. Assim, sem nunca perder o seu carácter racional, mas agora assumindo um seu novo, mais específico e também mais relevante papel como faculdade do ânimo, o engenho alemão apropria-se das *características modernas*, temporalmente mais avançadas dos seus congéneres de outras línguas<sup>19</sup>, a fim de as unir às suas, marcadamente intelectuais, e a própria Alemanha começa a aplicar estas mesmas no uso do termo na sua literatura, dizem os Grimm, a partir do início do séc. XVIII. Mas – sublinho – não se apropria *de todas as características*; mas apenas daquelas que melhor serviam, melhor se adaptavam à sua transformação em curso, a saber, aquelas que favoreciam a sua natural evolução de entendimento para um «dom do espírito» (segundo os Grimm) - um de uma outra gadanha que não a intelectual, e portanto, de um outro enfoque que não apenas o da generalidade da razão humana, mas mais da *especificidade do sentimento do indivíduo*.

Assim, primeiro por certo na França e na Inglaterra, e depois na Alemanha, o engenho, que fora outrora razão, *scientia*, sabedoria, ver e saber, e em séculos mais recentes aperfeiçoara o seu significado, e portanto também o seu conhecimento e a sua visão, assumindo-se cada vez mais como o judicioso *analogon* do entendimento humano,

<sup>18</sup> Consultado em [www.http://woerterbuchnetz.de/DWB/](http://woerterbuchnetz.de/DWB/)

<sup>19</sup> «Immer wahr witz den rein rationalen charakter, auch dort, wo einfluss von esprit vorliegt» (Grimm).

discriminando e punindo, era agora enfim um «dom do espírito», no dizer dos *Grimm*; uma «qualité de l'ame» (E, 13: 34), no dizer de *Diderot*<sup>20</sup>; um «power of the mind» (DeL: 822), no dizer de *Johnson*<sup>21</sup> – mas não do espírito em geral, não algo comum a todos os homens, como o fora na sua origem, e o era, ainda que cada vez menos, no segundo estágio da sua evolução. Engenho era agora, isso sim, «*persönliche Fähigkeit*» (it. meus, *Grimm*) – ela era marca da individualidade do Eu –, e não só do indivíduo, mas, a julgar pelos anteriores testemunhos, de indivíduos especiais, dotados de vivacidade, brilho, fecundidade, gosto, talento, fineza de pensamento, génio. Isto é, de marca da razão, da racionalidade em geral do homem, cujas representações eram geralmente tidas como racionais, o engenho enquanto entendimento passara a designar, com o tempo, o escrutínio dessas mesmas representações, e punição das ditas incorrectas ou proibitivas: proibitivas, no fundo, para a racionalidade que o engenho nunca perdeu. Mas agora, segundo parece, o próprio engenho, atingido o máximo rigor da sua tarefa, cristalizado esse seu ofício, abria um *veio de excepção* (ou de excepcionalidade), não só na sua definição, como também nas representações que trabalha. Pois, dir-se-ia, como resultado de todo o trabalho escrutinante, analítico, diferenciador que era o do engenho enquanto entendimento, só pode estar *a síntese, a analogia, enfim, a semelhança* – numa palavra, o trabalho que compete à imaginação, à faculdade de comparar e à fantasia. E, no fundo, *justamente isso* ocorre com o engenho a partir das primeiras décadas do século XVIII, época de Kant: *o engenho passa a ser... imaginação; e em plena transição entre a sua faceta de entendimento, e a sua faceta de imaginação* (e sem nunca ter deixado de ser razão), o engenho passa a ser tanto a anterior busca, a anterior análise de representações, como a sua posterior conjugação sob a forma de uma representação não só boa, como denotando espírito, talento e profundidade, senão mesmo *génio*; tanto a morosa, rigorosa análise da representação, como a sua subsequente e súbita formação enquanto assomo do espírito, manifestação espontânea de gosto e graça («*quickness of fancy*» (DeL: 822)); enfim, tanto racionalidade e intelectualidade («*sense*»; «*judgment*» (id.)), frieza de dissociação e inflexibilidade, quanto faculdade de imaginação e inventividade, cálida associação e analogia (numa palavra, como diria *Diderot*, «*raison ingénieuse*» (E, 13: 34)); e só é todas estas coisas, diz S. Johnson, porque as suas representações, apesar de denotarem «*invention*» e «*ingenuity*» (DeL: 822), justamente porque estão apoiadas no entendimento que ele próprio é, indicam também «*soundness of understanding, intellect not crazed; sound mind*» (id.), e portanto representações elas próprias sãs, não só não-conflituosas com a própria essência lata do engenho, como antes promotoras do mesmo.

Importa, pois, ressaltar o seguinte: no engenho, ainda razão, e ainda mais entendimento, «emergem agora claramente», dizem os *Grimm*, «a vivacidade espiritual e o carácter de surpresa da inspiração», próprios do acto de imaginar – e o engenho passa a ser não tanto a generalidade dos conceitos da racionalidade, mas a especificidade dos

---

<sup>20</sup> Diderot, D., D'Alembert, J. le R., *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, Berne, Lausanne, Chez les Sociétés Typographiques, 1751-1772.

<sup>21</sup> Johnson, Samuel; Walker, John, *Dictionary of the English Language*, London, William Pickering, George Cowey and Co. Poultry, 1755 (Rev. 1827).



conceitos do *sentimento individual* que ele próprio desperta – ambos moderados pelo carácter de entendimento que não desaparece. O percurso de emancipação do engenho, agora estimulado como um dos instrumentos da recém-reconhecida estética, *cumprе aqui o seu círculo completo, e o engenho assume-se aqui, finalmente, como as três faculdades do ânimo a um tempo*, ora mais umas (no seu passado), ora mais outras (no seu presente e futuro) – mas sempre as três a um tempo – e é isso, por fim, que pode responder à nossa primeira questão, e explicar o porquê de, na época de Kant, o engenho mostrar ter já uma mais que apenas possível convivência com faculdades (apenas aparentemente) tão diferentes de si.

A segunda questão, complementar em relação à primeira, reformulamo-la agora do seguinte modo: *trabalhando a faculdade de julgar com intelecções, e portanto com a validade, a racionalidade, a verdade das imagens, como há-de ela alguma vez aceitar as excêntricas, tão violentas produções do engenho, elas que, como vimos, se dão a conhecer pela sua singularidade, o seu carácter fantasioso e até uma sua aparente inverdade, ou ludíbrio?* Isto é, como é possível que ambas as faculdades cooperem? Sim, pois não raras vezes Kant aponta antes para o risco de que as imagens do engenho iludam os homens (AA, 25.1: 316), a necessidade de que lhe seja posto um freio, sob pena de elas conduzirem à loucura ou ao desespero de quem as forja; e isso porque, atalha Kant, quando descontrolado, o engenho não passa de uma «jiga-joga de representações que é muito nociva para os conceitos do entendimento» (AA, 25.2: 1463)<sup>22</sup>.

Ora, com respeito a isto, sublinhámos já que o entendimento é inflexível; pois, salvaguardando-se a si próprio, e obedecendo cegamente ao progresso em direcção à verdade, ele vive para eliminar as imagens que considere falsas, enganadoras ou confusas; no fundo, ele existe para *sanear* o espírito humano, concedendo que nele entrem apenas representações depuradas, reais, verdadeiras. Mas, como vimos, o engenho não é estranho à verdade, à depuração, à validade que o entendimento tem por boas. Pois *o engenho foi também já, e era ainda intelectual* – e Kant não só sabia disto, como reconhece ainda outras capacidades ao engenho. Pois o engenho, *se provido de entendimento*, e não agindo apenas por conta própria, não é nem mera racionalidade morta, nem porém excesso de vida – loucura exuberante, absurdo ou insensatez – e isso, nem mesmo neste ponto da sua evolução em que ele é o contrário da razão que outrora foi, nunca foi porém loucura, absurdo ou insensatez, e tão-pouco o é mesmo neste ponto da sua evolução em que ele é o contrário do que outrora foi, nem mesmo num momento de seu máximo arrebatamento.

Assim, no fundo, *o que encerra o momento de enlevamento do engenho, e como lhe reage a faculdade de julgar?*

Como vimos, no turbilhão de imagens criado pelo engenho, mediante rememoração estética ou engenhsosa, o engenho promove a mútua comparação de imagens, e isso tanto entre imagens cuja relação é cristalina, como entre imagens cuja relação é de todo absurda, ou obscura, pelo menos ao olhar do entendimento (*iudicium discretivum*). Mas, no meio

---

<sup>22</sup> «(...) ein Mischmasch von Vorstellungen der den Verstandes Begriffen sehr schädlich ist.»

deste *barulho* (*Getön*), o poeta e o seu engenho *não elegem nem umas, nem outras*; isto é, ele não elege de todo imagens apenas «jogando com o lado externo das coisas» (AA, 25.1: 317), ou então jogando sem finalidade aparente; bem pelo contrário, o engenho, porque era então ainda intelecto, e cada vez mais imaginação, *porque estava então na charneira entre ambas*, joga deveras, mas joga, diz Kant, discernindo uma «semelhança verdadeira nas coisas, mas não em sinais arbitrários» (id.: 318)<sup>23</sup>; e portanto, assomam-lhe ao espírito, sob a forma de inspirações, *representações que, dir-se-ia, têm algo de óbvio, e ao mesmo tempo de estranho*: que são, pois, singulares, mas que não deixam de ter uma ligação intelectual ao referido tesouro do conhecimento já adquirido; e que, inscrevendo-se por certo neste, neste parecem porém destoar em razão do seu cariz extrâneo. Isto é, o engenho cria imagens que, *dir-se-ia, são verdade e não são*; são reais e não são; e por conseguinte, *iludem, e ligam-nos à realidade de um modo diferente*, mediante um sentimento e uma racionalidade diferentes daqueles do sentimento e da racionalidade em geral – o que, para Kant, é apenas o óbvio resultado da dupla forma contrária que se estabelece entre imaginação e entendimento, e do equilíbrio dinâmico de forças que em resultado deste se concentra na imagem do engenho.

Aliás, quiséssemos nós compreender de vez este *efeitoilusório do engenho*, e, segundo creio, apenas teríamos de ver como ele surge exposto não só noutras lições de antropologia de tema afim, mas, mais particularmente ainda, no pequeno conjunto de anotações que Kant escreveria como esboço de arguição da tese de Johann Gottlieb Kreutzfeld, em 1777, texto posteriormente publicado na *Akademie-Ausgabe* sob o título «Entwurf zu einer Opponenten-Rede» (AA XV.2: 903-935); aí, a saber, *sob a designação de ilusão poética*.

Pois, com efeito, é aí argumento fulcral que *a ilusão poética – tal como o engenho –, distingue-se do mero engano dos sentidos*, e nisso, ao contrário daquele, não é «lucrativo», mas tão-pouco «inglorioso» (AA 15.2: 906); pois o que o engano dos sentidos faz, é servir-se da natural propensão do espírito para ser enganado, e até da vontade deste para ser ludibriado, e nisso apresenta à faculdade de julgar imagens ficcionadas, falácias dos sentidos que visam apenas um ganho físico, e que talvez até satisfaçam o corpo, mas nada trazem, nada acrescentam ao ânimo, e que por fim se revelam mera «vacuidade e ludíbrio» («vanitate et ludíbrio» (id.: 907)), e que por isso são ulteriormente sem mais rejeitadas por aquela suprema censora do conhecimento humano, e da verdade do mesmo. O mesmo é dizer, pois, que o engano dos sentidos trabalha com o já referido «lado externo das coisas» (AA 25.1: 317), e nisso, apresenta ao espírito ou coisas que ele já conhece, ou, para aparentar ser novo, falsidades apoiadas não em sinais verdadeiros, mas em «sinais arbitrários» (id.: 318). Ao passo que a *ilusão*, embora radicando por certo na propensão do primeiro, antes lhe confere uma outra direcção, a saber, a de uma aparência lúdica criada pelos poetas com o muito específico propósito de enlevar, vivificar, *animar* o espírito; e por isso Kant diz: «Há, com efeito, certas imagens das coisas mediante as quais a mente

---

<sup>23</sup> «Wenn man durch eine Aehnlichkeit eine Sache reproduciren will, so muß es eine wahre Aehnlichkeit in den Sachen, nicht aber in willkürlichen Zeichen seyn.»

joga, mas não é por elas iludida.» (AA 15.2:906)<sup>24</sup>. Isto é, enquanto o engano, reitera, «induz os incautos no erro» (ibid.), e «defrauda os ingénuos e crédulos com adorno e enganos» (id.: 906-7), e a sua imagem desaparece, causando desagrado e tédio, a da ilusão poética, sendo ela um jogo, e jogando-se este jogo justamente através da novidade, do carácter inesperado, até do choque de relações insuspeitadas entre os objectos que suscitaram tais representações, suscita agrado, o prazer do jogo, e nisso a imagem permanece; e ainda que num primeiro momento possa causar estranhamento, singularidade (o já referido «blindes Getön»), ela ganha posteriormente e infalivelmente uma nova vida, uma nova lógica, um novo sentido antes inusitado, que é o de se estar a apresentar ao entendimento imagens sob «cores sensíveis» (id.: 907), ou, se se quiser, a verdade sob outras vestes que não aquelas a que o entendimento está acostumado – uma permanência, aliás, garantida justamente pelo posterior prazer que é proporcionado ao espírito percepçionante.

Ora, estas características da *ilusão poética* – o carácter de verdade inverdadeira, o estranhamento causado, a posterior adaptação ao espírito, a surpresa, o prazer tardio, mas certo –, elas são, no fundo, as mesmas que Kant vem descrevendo como sendo as propriedades mais óbvias do *engenho*: a sua simultânea realidade e irrealidade, a sua diferente forma de apresentar a verdade, o seu carácter súbito e violento. E portanto, isto apenas prova que *há entre o engenho e a ilusão poética mais do que uma feliz coincidência, e sobretudo, entre o engenho e a poesia mais do que uma casual confluência*. Assim, se com respeito ao par engenho-ilusão poética, eles parecem de facto ter características similares, e até, como veremos, pugnar por um propósito comum; é porém olhando para esta sugerida *afinidade* que melhor se vê que, justamente, há para Kant entre poesia e engenho mais do que uma mera aproximação, antes, porventura, *um ulterior sentido comum*, uma existência, e um destino por ambos partilhados. Sim, pois, nas palavras de Kant, segundo Swift, «o cérebro dos poetas está cheio de vermes que, ao roerem diferentemente os nervos, suscitam diferentes inspirações.» (AA, 25.1: 311) – isto, numa clara alusão à afinidade entre engenho e inspiração poética; e mais claramente ainda, diz Kant, «As condições para se ser poeta são as mesmas que do engenho: «I. Ele tem de ser novo nas imagens que faz – (...); II) Nos seus escritos, o poeta tem de observar sempre um analogon da verdade (...). O poeta tem de inventar, e saber colocar a sua invenção numa claridade intuitiva. (id.: 323) Isto é, numa palavra, *o engenho é propriamente a ilusão poética*, pois ele inventa, e é novo nas imagens que faz; mas ao ter de criar um «analogon da verdade», o qual será apresentado pelo engenho à faculdade de julgar, o poeta, a poesia forja com o engenho *um elo de uma outra natureza*. Assim, parece dizer Kant, *a poesia é o efeito final do engenho, o engenho a causa inicial da poesia; e portanto, o engenho é o acto poiético por excelência, poesia em si*. Mas sobretudo, sugere Kant, nesse acto do fazer criativo ocorre *uma analogização da verdade*, e por certo uma nova, em que se dá do objecto *uma sua nova imagem, mais sensível e verdadeira, porque criada a partir de sinais não-arbitrários, e porque trazido do roer certo dos vermes do*

<sup>24</sup> «Sunt autem quaedam rerum species, quibus mens ludit, non ab ipsis ludificatur.»

*engenho*. E se assim acontece, então, *com o engenho, como com a poesia, dão-se não só inventividade, não só ilusão agradável, mas também, por meio destes, novos, muito importantes conhecimentos para o espírito humano, e com isto um novo e inesperado ganho para a racionalidade do mesmo*. A poesia, bem como o engenho, enfim unidos, largam aqui os injustos trajes que por vezes lhes vestem, de ludibriadores, impostores do espírito humano e lacaios dos sentidos, para passarem a assumir novas faces, antes cooperando activamente no processo de enriquecimento do tesouro da cognição do espírito humano; e o engenho, em particular, cumpre assim aquela que sempre terá sido a sua destinação: a de, mesmo conotado com o jogo e a ilusão poética, assumir-se como aquilo que sempre fora, e agora era ainda: uma paleta viva das três faculdades do ânimo humano, em si comprovadas não só pela sua história, mas agora sobretudo por esta sua singular eficácia.

E por isso, pergunta-se por fim: que faz perante tudo isto a faculdade de julgar?

A faculdade de julgar, sabemos-lo por Kant, assiste a todo o processo; pois ela acompanha-o sempre como uma necessária contra-força. Mas vendo-se deparada com tão singulares imagens do engenho, ela não só não é capaz, como não *pode* de todo negá-las; e aí, e só aí, se dá *o tão esperado momento em que o entendimento, dir-se-ia, baixa a guarda, e pode e deve aceitar tais representações do engenho*. Pois embora estas tenham em si algo aparentemente ilusório, elas têm também em si o referido «analogon da verdade», e logo uma verdade que, por surgir sob vestes mais ricas e exóticas do que seria de esperar, se afigura irrefutável. E se isto assim é, não é apenas porque tal imagem do engenho *tenha* uma relação com a verdade; e não é apenas isto, diria Kant, que leva a faculdade de julgar a aceitar o engenho. Bem pelo contrário, isto dá-se porque a imagem do engenho, se pura, e se inaudita nos seus contornos; numa palavra, se poética, e portanto nova para o entendimento, mas ancorada neste e portanto por este legitimada, aparenta ser – e *é de facto* – *mais verdadeira do que a verdade racional das coisas*. E portanto a faculdade de julgar, por certo perante a ilusão, mas sobretudo perante esta verdade mais verdadeira, *nada tem a opor*, e não só lhes concede acesso ao conhecimento, não só lhes faculta passagem para o espírito humano, onde elas têm o seu derradeiro efeito, como *reconhece nelas a sua própria vantagem, o efeito balsâmico de novos conhecimentos, e do súbito e imediato prazer por eles proporcionado, próprio apenas de uma verdade única, mais real, mais sensível do que aquela que o entendimento está habituado a aceitar*; e isto, enquanto ela própria age enquanto tal, isto é, movendo uma simultânea resistência ao engenho, de que a faculdade de julgar nunca pode prescindir, e que aliás impede o engenho de se exceder e de degenerar no absurdo.

Assim, concluir-se-ia, o *engenho* vê-se aqui, *da única maneira possível*, unido com a *faculdade de julgar*, sua oposta, por certo, mas também sua indispensável concorrente no natural processo de formação de imagens e respectivos conceitos por parte do espírito humano. E com isso, o *entendimento* vê-se, nesta sua cooperação com a imaginação, mediante o engenho, libertado da «força indómita dos sentidos» (AA, 15.2: 910) e dos enganos inerentes a estes, assim se promovendo «o império do entendimento sobre o ignóbil vulgo dos sentidos» (id.: 909); e a *imaginação*, ilibada aqui da fraca suspeita de ser

o engenho, seu instrumento, um emissário dos sentidos, contribui decisivamente para a libertação do entendimento, e é ela própria refreada por este (num mútuo diálogo de forças opostas, mas concorrentes). E, por fim, por isto se vem a perceber no *engenho*, e no seu cariz poético, o seu *fim último*, e com isso também o seu *benefício último*: a saber, por um lado, a ulterior *ligação entre imaginação e entendimento*, sem desfavor ou rejeição da primeira (a quem é concedida a liberdade em que tanto gosta de operar), e em prol do último (que se vê assim favorecido, e também enaltecido no seu ofício): «Engenho e faculdade de julgar servem para a ligação da imaginação com o entendimento. O engenho traz a imaginação mais próxima do entendimento» (AA, 25.2: 1267-1268)<sup>25</sup>; e, por outro, a daí decorrente, mais ampla ligação entre poesia e filosofia, que não só deve ser «louvada pelo filósofo» (AA, 15.1: 909), como, aliás, muito naturalmente decorre do natural efeito do engenho: «Assim, o engenho muito se presta à filosofia. O engenho serve ao entendimento como invenção.»<sup>26</sup>

### **Breve nota sobre critérios de tradução**

---

<sup>25</sup> «Witz und UrtheilsKraft dienen zur Verbindung der EinbildungsKraft mit dem Verstand. Der Witz bringt die EinbildungsKraft dem Verstand nahe»

<sup>26</sup> «Es gehört also zur Philosophie viel Witz. Der Witz dient dem Verstande zur Erfindung» (AA, 25.1: 518); e ainda: «Zu Erfindung und zu Wissenschaften gehört Witz, aber es muss noch Wahrheit dazu kommen» (AA, 25.2: 1266)

Se, por si só, o acto de traduzir qualquer autor implica perceber diferentes especificidades, diferentes mecanismos, diferentes tons próprios de cada modo de escrever, traduzir Kant, que não raras vezes deploraria a sua própria falta de eloquência, e cuja palavra se encontra *aqui* em circunstâncias ainda mais especiais, tem de obedecer a certos, sem dúvida não menos especiais critérios. Pois o texto em questão consiste numa *lição* – ou antes, a *transcrição* de uma lição; e portanto, não só não proveio *directamente* da pena de Kant, como é de pensar que, mesmo tendo sido proferida por Kant, a espaços, porém, Kant não a terá proferido *ipsis verbis* como ela chegou até nós; ao que há que acrescentar que, tratando-se o texto em questão de uma lição, então a estrutura do mesmo terá sido disposta por Kant de um modo determinado, o uso de linguagem obedecerá por certo a pressupostos académicos, tendo em vista beneficiar a apreensão da mesma pelos seus alunos, e até mesmo o seu tom é um que, como é sabido, não poderá ser rigorosamente igual ao de outras obras pela mão do autor. Para além disto, como disse, a linguagem de Kant tem em geral traços muito próprios, únicos, a princípio parecendo fazer justiça à falta de loquacidade do autor, mas sobretudo, uma vez criada habituação à mesma, por fim transparecendo uma simplicidade profunda, e porém um despretensiosismo e uma leveza deveras agradáveis, a certa altura facilmente reconhecíveis como característicos do modo de pensar e escrever kantiano; traços que, como é natural, terão de surgir ainda mais vincadamente numa lição como esta, e terão de ser correspondidos com igual rigor e simplicidade, igual humildade e leveza, por parte do tradutor.

Assim, tudo no presente tentame de tradução vai no sentido de respeitar as referidas propriedades do estilo kantiano, e de apresentar ao leitor uma versão da lição de Kant tão fiel, tão próxima do texto original – quer no seu conteúdo, quer na sua forma –, e portanto tão pouco intromissiva ou invasiva, quanto possível.

Por conseguinte, a nível *estilístico*, procurou-se, tanto quanto possível, guardar fidelidade ao tom de época do discorrer kantiano, e isso não só em geral, mas mais visivelmente, por um lado, ao nível das classes de palavras, que foram mantidas quase sem excepção, e por outro, ao nível aos artigos, e também à ausência dos mesmos; e só quando a língua portuguesa, de raiz diferente da alemã, o não permite de todo, é que a voz de Kant se vê forçada a soar diferente do original. Ditos, provérbios, entre outros, foram quando possível mantidos em respeito à especificidade da língua alemã, e não traduzidos pelos seus ditos correspondentes em língua portuguesa (excepção feita, por exemplo, na expressão: «Man nent Leute Pinsel», cuja tradução literal esconderia o significado do original); e o mesmo foi por nós aplicado até mesmo a expressões não idiomáticas, ambas as decisões num esforço de poder reproduzir, se não todo, pelo menos algum do estranhamento com que a palavra de Kant hoje por nós tem de ser recebida.

Com respeito a aspectos *formais* do texto, os objectivos desta tradução são similares. A pontuação, tanto quanto possível, foi deixada intocada (travessões, pontos finais não substituídos por vírgulas, ou vice-versa, entre outros); mas porque, nesta lição em específico, é perceptível uma forte ausência de pontuação, a ponto de por vezes não ser bem perceptível onde uma frase começa ou acaba, ou até onde começam e acabam as

diferentes premissas de uma frase – um sintoma próprio da transcrição de uma lição –, então vimo-nos forçados a incluí-la onde necessário, o que fizemos por meio de parênteses rectos (por exemplo, [.] ou [;]). Já a ocorrência de números («2», «4»...), foi deixada enquanto tal, o mesmo acontecendo com os sublinhados e com os itálicos presentes no texto original («moda», «rico de sentido»); o mesmo fizemos ainda com todas as palavras não-alemãs por Kant usadas no texto («hardi», «metier», «bon mots», «vehiculum», «coffee house», entre outras), as quais deixámos intocadas na sua língua de origem, mas, a bem de uma mais fácil compreensão das mesmas, decidimos grafar a itálico, nisto diferindo da edição da Academia.

Por fim, as exceções a este esforço de fidelidade são *duas*; ambas, no entanto, tendo em vista apenas complementar a lição em questão, e, se possível, favorecer uma leitura mais completa e rigorosa deste texto. Uma, dá-se ao ocorrerem palavras centrais para a compreensão do texto, ou palavras que, no encadeamento, encontram similar correspondente, e por isso possam ser confundidas, ou, por fim, palavras cuja tradução, pela sua dificuldade, merece ser acompanhada da palavra original. Em qualquer um destes três casos, fazemos seguir a palavra traduzida do seu original, entre parênteses rectos (por exemplo, o próprio engenho [*Witz*], inspiração [*Einfall*], ou intelecção [*Einsicht*]). Outra, ocorre na complementação de certos passos da tradução com passos afins em tema de outras lições de antropologia de Kant, que traduzimos a bem da completude, e que incluímos sob a forma de notas de rodapé, precedendo-as aí do ano em que foram proferidas e do nome do aluno de Kant que procedeu à transcrição das mesmas, e registando no fim destas a respectiva paginação.

## Tradução

### Do engenho e da faculdade de julgar

Immanuel Kant

1784/85

[AA, 25.2: 1262-1272]

Aquela representação que oferece as representações da imaginação ao entendimento, para que este nelas labore, designa-se por faculdade de comparar[.] Esta é dupla: 1.) a faculdade de comparar as representações, essa chama-se engenho [*Witz*] 2.) a faculdade de conectar as representações chama-se faculdade de julgar [*Urtheilskraft*].<sup>27</sup>

Onde ambas estão juntas, isso é perspicácia. A faculdade de julgar tem uma utilidade negativa. A saber, ela serve para a distinção de um conhecimento de outro, e portanto para o impedimento de erros[.] O engenho tem uma utilidade positiva, e, por certo, a de expandir os nossos conhecimentos, e dar-lhes uma aplicação ampla.

Por isto, depreende-se já que o engenho será amado, mas a faculdade de julgar não o será; pois esta restringe, aquele expande. O engenho estimula o ânimo mediante amenidade[,] a faculdade de julgar satisfá-lo mediante profundidade.

Engenho é fugaz. Faculdade de julgar é lenta e séria; *aquela* satisfaz, esta granjeia respeito.

Engenho é um atributo da juventude. Faculdade de julgar – da idade madura[;] infeliz escolha, pois, a daquele que faz da poesia o seu principal ofício, *pois* o engenho desaparece com a idade, e com esta também a sua arte, a beleza da sua poesia – Um conhecimento do entendimento, na medida em que dele emana engenho, é rico de sentido – na medida em que nele transparece faculdade de julgar, é perspicaz. Engenho é a fonte de inspirações [*Einfälle*] e *bon mots*[;] já a faculdade de julgar, gera intelecções [*Einsichten*][.]. Inspirações são pensamentos não-procurados, e quando estas são engenhosas, designam-se por felizes. Já as intelecções, são pensamentos preparados que têm de ser adquiridos mediante zelo. O engenho visa o secundário, a faculdade de julgar, porém [também] o principal, ou o sustento para o entendimento. É por certo uma

---

<sup>27</sup> Collins, 1772/73: «Ao engenho, opõe-se a faculdade de julgar. Para inventar é exigido engenho, para aplicar a faculdade de julgar. Para trazer as coisas à confluência e conexão, é necessária faculdade de diferenciação. O engenho é a faculdade de comparar, a faculdade de julgar é a faculdade de associar e separar as coisas. Às pessoas engenhosas, assoma-se-lhes sempre algo semelhante. Coisas semelhantes não estão por isso associadas, pois entre as coisas não deve haver a mínima semelhança. Embora os conceitos sejam um e o mesmo. Semelhança não é uma associação de coisas, mas sim da representação de coisas. A faculdade de compreender a diferença pertence não propriamente ao engenho, mas sim à faculdade de julgar. A perspicácia é o género de ambas, ela é uma capacidade para encontrar detalhes extremamente ocultos.» (AA, 25.1: 132)



contingência para além da sua tarefa, que, a par do principal, o engenho amplie também o secundário.

*Bon mots* são frutos do engenho, e são produzidos mediante o jogo da imaginação. Eles têm de ser mutáveis [...] A caça aos *bon mots* é uma ocupação repugnante – aquele que deixa ver o seu engenho designa-se por um zombeteiro [*Witzling*]. Aquele que alardeia a sua faculdade de julgar é um sofista [*Klügling*]. O último é o mais desprezível dos dois. Pois visto que a faculdade de julgar é algo sério, é intolerável ver brincar com ela.

O engenho gera moda, ou um objecto de imitação por amor ao novo. As modas são engenhosas pois aprazem mediante a representação de novidade. Por conseguinte, a moda deixa de ser moda logo que se torna um uso. O uso é um objecto de imitação por amor ao velho. O uso encontra-se entre ingleses e alemães, a moda mais entre os franceses – Uma nação enverga uma capacidade de ânimo mais do que a outra [;] por exemplo, os franceses envergam o engenho, os alemães e os ingleses mais a faculdade de julgar[.]

O engenhoso é livre no ajuizar; daí que os seus juízos sejam também ditos *hardi*, pois até por força de uma pequena semelhança ele se decide a ajuizar. Aquele que possui faculdade de julgar é circunspecto no ajuizar, mas tão-pouco deve por isso retirar facilmente o seu juízo. O génio *ousa* e ajuíza com celeridade, e, por conseguinte, não raras vezes tem de retirar o seu juízo. Cromwell – ou, melhor ainda, o engenhoso Swift diz: a circunspecção é uma virtude de cônsul. Engenho é popular. Já a faculdade de julgar, tem sempre algo de escolástico. O engenho é insípido [*schaal*] quando nada tem de entendimento. A faculdade de julgar é cismática quando nada tem de engenho, e portanto nada tem para os sentidos.

O engenho anima a companhia social, mas a falta de faculdade de julgar nesta torna-a sem gosto [*abgeschmackt*]. Assim, porque o engenho é insípido quando nada contém em si de entendimento, também todos os jogos de palavras são insípidos, pois também eles nada contêm em si de entendimento.

Os franceses têm 2 palavras, *sot* e *fat*, que entre nós são usadas quase como uma só, e apesar de se traduzir *sot* por um fátuo, e *fat* por um louco, o primeiro é porém um louco jovem, e o segundo um louco com mais idade. Kästner, tendo em vista os alemães, explica isto do seguinte modo: *sot* é aquele que viaja até Paris para aprender engenho e uma maneira de viver, *fat* aquele que de lá regressa com provas de loucura. Um engenho é chamado humoroso onde lhe está como fundamento uma incomum disposição de ânimo [...] Habitualmente, cada qual tem uma disposição de ânimo característica, a qual, porém, amiúde é movida por circunstâncias e raramente permanece no seu lugar. O engenho humoroso repousa sobre uma disposição original do ânimo, e ele é encontrado entre os ingleses, e por certo, porque a corte não dá ela própria o tom [;] o humor astuto é uma parte muito própria de algumas pessoas [...] Swift tinha-o; por exemplo, uma vez, na igreja, ele proferiu perante o parlamento um discurso (o que sempre acontece antes de o parlamento dar por abertas as suas sessões). Ele falou dos dotes do entendimento, da riqueza, etc., e quando por fim chegou aos do entendimento, disse: Visto que ninguém nesta reverendíssima reunião os pode reivindicar, então termino, etc.

Um engenho leve é aquele cuja produção pouco esforço custa ao entendimento. Este tem-no em especial Swift. O engenho cogitabundo encontra-se especialmente nos escritos de Young e Pope [.]. Quando se entra em contradição no discurso, os ingleses chamam a isto *bull*; por exemplo, quando alguém diz: Eu fui passear com alguém sozinho. Os alemães fazem isto com frequência. Engenho popular é engenho vernacular, ao qual pertencem primariamente provérbios. Provérbios são a linguagem e a sabedoria da população, e pessoas cultivadas não se servem deles, pois quando se desenterra pensamentos de outros isso mostra uma cabeça vazia, e falta de pensar por si próprio. Aforismos são provérbios eruditos, e produzi-los, e isso com frequência, é também um erro – Provérbios são um modo especial de exprimir de maneira concisa ou alegórica um conhecimento de outro modo muito comum. Por vezes, os aforismos suplantam até comuns conhecimentos. Os provérbios são bons para se aprender a conhecer o carácter nacional de um povo. À invenção e às ciências, presta-se o engenho, mas há que lhe juntar ainda verdade. Alguns grandes homens conservaram a sua pretensa fama apenas através do seu engenho. Pois o engenho mostra algo novo, e isso ofusca e agrada. Em particular, na explicação dos Antigos não mais se pode [ir atrás] do correcto entendimento, e por conseguinte o engenho tem aí campo livre. Muita erudição é, pois, apenas divertimento do engenho. O engenho serve para desígnios, a faculdade de julgar para a execução. Colbert dizia que remunerava todos os projectos, pois se entre 100 apenas um for bem sucedido, todos estarão já pagos. Amiúde, o projectista é inepto para a execução. Pois ao primeiro, pertence vivacidade, leveza; à execução, *diligência*, paciência<sup>28</sup> – Há nações que logram fazer mais execuções do que planos, por exemplo, os alemães. O engenho falha amiúde na execução, razão por que a faculdade de julgar tem de se lhe juntar. Engenho com ingenuidade agrada. Mas quando transparece arte, desagrada. O engenho é um jogo, e por isso não deve ser árduo. Isto, é-o a faculdade de julgar.<sup>29</sup> No engenho, o ânimo é revigorado. Na faculdade de julgar, o ânimo é por certo fortalecido, mas também fatigado. Semelhanças são fáceis de encontrar, especialmente numa imaginação vivaz [.].<sup>30</sup> E isso dá-se, porque o nosso

---

<sup>28</sup>Collins, 1772/73: «O engenho é mutável, e ama também a mutação. Ele ama a novidade, e é impaciente quando tem de esperar muito, a delonga num sítio é-lhe adversa e intolerável, ele procura sempre forjar comparações e novas semelhanças, aí mostra ele também a sua utilidade.» (AA, 25.1: 137)

<sup>29</sup>Collins, 1772/73: «Engenho e faculdade de apreciação agradam não só a nós, mas também aos outros. O engenho diverte e apraz, a faculdade de julgar tranquiliza a satisfaz. Amamos o engenheiro, mas respeitamos e reverenciamos aquele que possui faculdade de julgar. O engenho traz as forças [do ânimo] ao movimento. A faculdade de julgar, ao invés, tolhe-as e confina o irrefreamento do engenho. O engenho abre um campo para perspectivas, ele emparelha as coisas, ele dá a uma inspiração a força de pôr em movimento um conjunto de outras, e cria novas ideias; a faculdade de julgar deve tolher os incautos excessos do engenho, e trazê-los à ordem.» (AA, 25.1: 135)

<sup>30</sup> Parow, 1772/73: «A memória é a faculdade de reproduções aleatórias de representações outrora tidas. - Por conseguinte, ela diferencia-se da fantasia principalmente na medida em que há que poder reproduzir as suas representações a contento, uma vez que a fantasia, de modo arbitrário, volta a trazer as anteriores imagens ao nosso ânimo. A fantasia é igual a uma actividade infatigável, ela é, por assim dizer, uma torrente de imagens que para aí flui incessantemente. Por vezes, estas imagens são-nos sabidas, por vezes não, aqui uma imagem estimula a outra, e assim por diante, sem fim.» (AA, 25.1: 314)

Parow, 1772/73: «Estas capacidades consistem propriamente apenas no *actibus* da comparação, e são totalmente diferentes da sensibilidade, mediante o que as representações são geradas em nós. Assim, nestas capacidades, algo depende realmente da constituição física do nosso cérebro, e não é incorrecto,

entendimento está orientado para género e espécies, os quais, por sua vez, repousam sobre a afinidade<sup>31</sup>. Mas a faculdade de julgar é difícil, pois aí tem de se perceber as mais pequenas diferenças. Pois aí, eu tenho de fixar a atenção num ponto, e deste modo somos agrilhoados, e isso é fastidioso. É como se se quisesse permanecer completamente imóvel. É por isso que, como assegura Tschirnhausen, quando um homem se deita e se mantém algum tempo numa posição totalmente imóvel, ele começa pouco a pouco a suar por essa razão.

Mas quando eu dirijo a minha atenção para diversos objectos, isso vivifica o ânimo. O jogo do engenho agrada-nos deveras, mas quando chega ao fim, não ficamos porém

---

quando, nas suas observações físicas, Swift diz da poesia: que o cérebro dos poetas está cheio de vermes que, ao roerem diferentemente os nervos, suscitam diferentes inspirações. Embora ele diga isto de modo satírico, é porém certo que nenhuma capacidade característica do homem é possível sem alteração física no cérebro – isto, ainda que ninguém observe esta alteração no próprio cérebro através de lupas. Cada sensação distinta exige uma organização especial do cérebro, pois é sabido que há certos génios empíricos que estão em condições de observar tudo com exactidão, especialmente aqueles que têm uma notável acuidade. Assim sendo, as imagens das coisas são conservadas na minha alma, ou no meu cérebro? Por vezes, encontramos numa tal falta de pensamentos, que, quando em sociedade nos é pedido que contemos algo, não sabemos como começar; mas ao começar alguém, muito facilmente chegamos a matérias que servem de entretenimento. Mas então, algo tem de haver na cabeça que tem imagens confinantes. Ao ser avivada uma imagem, uma ocorrência opera aqui a outra. É provável que todas as imagens que acedem ao nosso cérebro não mais desapareçam do mesmo, mas, ao não serem usadas, elas, por assim dizer, jazem soterradas em poeira e entulho, a ponto de serem totalmente irreconhecíveis. Aqueles médicos que, à ciência da medicina, aliaram o conhecimento das forças da alma, dizem que as imagens das coisas são conservadas no cérebro. A verdadeira erudição é apenas a arte de guardar na memória aquilo que, devido à sua utilidade na vida comum, merecem ser conservadas no mesmo. Mas a curiosidade consiste numa vã atenção a tudo o que a isto não pertence, e àquilo a que, por ser inútil, o mundo menos atenta. A exacta correcção é a correcta relação das partes umas com as outras, e a sua concordância com um todo que a não tem contenta-se com uma exactidão em minudências, e ocupa-se com sílabas e palavras./ Temos uma imaginação vivaz, mas também árida. Se pensarmos em alguma coisa e quisermos escrever algo, muitas coisas têm de se oferecer na nossa alma, a partir das quais podemos procurar aquela que é útil à nossa matéria: tal como um oficial que, ao ter de separar as maiores personalidades de um regimento, as deixa porém convergir, assim temos de agir também em relação às nossas imagens. Assim, temos de, por assim dizer, fazer barulho no cérebro, e pôr em movimento todas as imagens; depois, abandonamo-nos à torrente das nossas representações, após o que uma representação produz a outra, e mais não temos aqui a fazer senão não perder de vista a representação principal, pois as imagens progridem ainda e sempre após terem sido associadas no cérebro, e porque a imaginação toma amiúde o curso que as imagens têm com respeito ao tempo, muito facilmente podemos ser totalmente desviados do nosso objecto, se não estivermos atentos. Temos tão pouco poder sobre a nossa imaginação, como sobre a corrente do nosso sangue [;] a única coisa que podemos fazer é, quando ela exagera demasiado, sustê-la. Então, tem de se começar a pensar uma vez mais aí, onde se começou inicialmente, e a partir daqui voltar a dar-lhe rédea livre, então ela voltará a tomar um outro curso. Mas há que evitar fazer violência à sua imaginação, pois desta maneira impede-se toda a progressão das ideias. Nesta corrente da imaginação, as imagens fluem ou segundo a sua vizinhança, consoante estejam juntas, ou segundo a sua afinidade, que é totalmente diferente daquela. Por vezes, a vizinhança das ideias irrita tanto, quanto o zangar-se na vida comum com um vizinho indigno. A imaginação ela própria não pensa, antes noto apenas na torrente da minha imaginação não descobro imagens que se refegam na minha matéria. Por vezes, acontece que no rio destas imagens uma se me escapa subitamente que eu poderia porém ter usado, após o que habitualmente se fica inquieto e preocupado. O melhor meio para se voltar a esta imagem é que se comece a pensar de novo [;] se ainda assim não lograr descobri-la, começo justamente desse ponto, e habitualmente é-se bem sucedido em surpreender a imagem desejada, pois agora ela deve surgir apenas uma vez: assim ela será facilmente notada, pois já se está preparado para a apreender.» (AA, 25.1: 310-312)

<sup>31</sup>Busolt, 1788/89: «O engenho é livre, a faculdade de julgar restringe. A perfeição negativa da faculdade de julgar impede que o engenho não degenera no falso. Mediante o engenho descobrimos os géneros, mediante a faculdade de julgar as espécies» (AA, 25.2: 1459)

satisfeitos com isso.<sup>32</sup> O entendimento tenta fazer para si uma ideia do todo e do diverso. Se não o puder fazer, ele fica insatisfeito. O mesmo acontece em sociedade. Quando os diálogos não são aí travados de modo coerente, antes todos falam entre si, então ao sairmos da companhia social estamos completamente confusos, e como que inebriados, e a companhia não nos agrada, pois no ânimo não permanece senão um ruído cego. Como disse um dos amigos de Platão, no seu Simpósio, uma companhia social tem de ser uma tal que lhe tenha agradado não só então, quando dela desfrutou, mas também ainda e sempre que nela pensava.

Um inglês queria ir com outro ao hospício, mas o outro falou no *coffee house* Lloyd's. Este viu uma grande turba de pessoas, e disse ao seu camarada: Vamo-nos. Vejo que os loucos foram libertados. Ele pensava que era o hospício[.]

Tanto no engenho como na faculdade de julgar ocorre subtileza; mas ela presta-se melhor à faculdade de julgar, pois é difícil. Amor à subtileza é micrologia. Ela presta-se melhor à faculdade de julgar. As leis dos romanos são deveras micrológicas, e repousam sobre as mais pequenas diferenças [;] por isso é que são causa de muita chicanice. Quando o engenho ajuíza, ele ajuíza *en gros*, e não *en detail* – Madame Geoffrin, que organizava um *bureau d'esprit*, isto é, um convénio de espíritos belos, dizia que não se pode ajuizar sobre os homens *en detail*, mas sim *en gros* – mas então, eu não ajuízo de todo sobre uma coisa. Em sermões fúnebres, não raras vezes é bom e também necessário ajuizar *en gros*. – As recensões ajuízam amiúde *en Gros*[.] Engenho e faculdade de julgar servem para a ligação da imaginação com o entendimento. O engenho traz a imaginação mais próxima do entendimento – desde que o entendimento vise o universal –, a faculdade de julgar tem de ver se aquilo que é imaginado é aplicável in concreto.<sup>33</sup> Para se poder aplicar os conceitos universais, é necessária faculdade de julgar[.] Todas as acções do engenho são designadas por jogo, e o jogo e o engenho são insípidos quando produzem falsa semelhança, e então são deveras repugnantes. Este engenho insípido consiste em jogos de palavras [.] A dada altura, isto foi moda em França. Assim, ao entornar uma sopa sobre o chanceler de França, disse-lhe um laçai: *Summum jus, summa injuria*. Para o chanceler, isto foi engenhoso. Amiúde, encontra-se algo engenhoso em outra pessoa quando o outro não pensa sequer em produzir algo engenhoso [;] por exemplo, quando, em honra de Luís XIV, foi erigido um arco triunfal sobre uma ponte que ele tinha de atravessar, na qual se perfilava um anjo com uma coroa na mão, disse um homem da Gascónia: não se sabe se ele lhe está a dar a coroa,

---

<sup>32</sup> Friedländer, 1775/76: «O engenho é fugaz, tal como a faculdade de julgar é pesada. Assim, os conhecimentos do engenhoso são efémeros, eles fazem por certo uma impressão, mas não se mantêm e não são interiorizados. (AA, 25.1: 520)

<sup>33</sup> Parow, 1772/73: «O engenho é muito sedutor; se ocorrer a um poeta uma inspiração devidamente engenhosa, ele antes preferiria ser enforcado, do que asfixiar a inspiração à nascença. Ele vê nisto uma espécie de infanticídio, que se oblitere uma tão bela criatura do entendimento. Quem tem uma propensão para o engenho, não a pode sonegar.» (AA, 25.1: 133)

Parow, 1772/73: «Para além disso, temos uma faculdade para produzir representações que nunca foram conservadas na nossa fantasia, sim, que nunca foram postas nos nossos sentidos, e esta é a faculdade de poetar [*Dichtungs Vermögen*]. Esta faculdade não é apenas um *promus condus* que exige a representação, e as representações tão-pouco são *renovadas* mediante ela, antes representações novas são produzidas ou fingidas.» (AA, 25.1: 321)

ou a tirar-lha [;] isto soa engenhoso, e todos o louvaram sobremaneira. Traz-se o engenho ao [acto de] motejar, e ele ocorre quando é refinado e o outro replica. Se o último não acontecer, ele é ofensivo. Engenho é o mais preeminente do divertimento em sociedade [.] Engenho é o mais essencial da sátira. Ela é travessa e astuta, quando alguém parece estar a louvar a coisa, falando com toda a seriedade, e aparentando simplicidade de espírito ao fazê-lo, de tal modo que não se crê que ele esteja a pensar nisso. Uma tal sátira, tem-na principalmente Swift. Os franceses são cheios de engenho, mas zombeteiros originais há-os especialmente entre os ingleses [;] por exemplo Swift, em especial no conto do tonel, e Anti-Longino, e Butler no seu Hudibras, do qual Hume diz que em nenhum livro algum dia escrito há tanta erudição como neste, e é bem verdade. Este é uma sátira ao fanatismo religioso de então. É um contra-ponto de D. Quixote.

Alguns exemplos do engenho de Butler são, por exemplo, quando o seu cavaleiro errante diz a alguém que quer fazer dele um pêndulo em vista do qual todas as jardas de alfaiate na Inglaterra deveriam ser rectificadas; isto significa, em primeiro lugar, que ele queria enforcá-lo; por outro, isto refere-se ao facto de que à altura, na Inglaterra, queria-se fazer do comprimento da oscilação de um pêndulo a cada segundo uma medida universal, a fim de que esta sempre se mantivesse uma e a mesma – Assim diz Ralph[o], o ferreiro deste cavaleiro: as doenças do espírito dos homens são como os tribunais, que umas vezes realizam julgamentos, outras vezes fazem férias. A minha consciência moral está agora de férias, e não deixa ninguém comparecer perante si – Uma vez, estando o cavaleiro em perigo, Ralph[o] aconselhou-o a fugir, e provou-lhe por fundamentos que a fuga era algo louvável, a saber: porque àquele que salvasse um cidadão, os romanos haviam prometido uma coroa; assim, se fugisse, ele mereceria uma coroa, na medida em que salvara a vida de um cidadão, mais concretamente, a sua própria. Para além disso, se ele fugisse, os outros persegui-lo-iam, e ele chegaria a todo o lado mais cedo, etc. O que convence alguém da verdade e do bem de uma coisa? 200 libras esterlinas [;] e o que volta a convencer alguém do contrário? Mais 200 libras esterlinas. A força do engenho consiste em que se faça surgir coisas totalmente inesperadas. Ela serve para um arsenal de aforismos. Um terceiro inglês é Sterne, que muitos imitaram e macaquearam. O engenho faz-nos felizes ou infelizes? Infelizes [.] Butler morreu à fome, embora os seus escritos muito agradassem a Carlos II, que porém se esqueceu de o apoiar.

Sterne encurtou a sua vida devido às recorrentes sociedades para onde era arrebatado. Por fim, Swift enlouqueceu, presumivelmente por se ter consumido demasiado – o que se explica por terem descurado a faculdade de julgar. O engenho tem de ser mero *vehiculum*, e a faculdade de julgar como a realidade. Aquele que não tem nenhum engenho, é uma cabeça obtusa [*stumpf*]. Aquele que não tem nenhuma faculdade de julgar, tem uma cabeça estúpida [*Dummkopf*] [;] mera ignorância não é nenhuma estupidez. Em rigor, só é estúpido aquele que, ao lhe ser dada uma regra, não sabe aplicá-la[;] os servos só são estúpidos quando tomam as regras à letra. Os russos quedam-se amiúde sem faculdade de julgar quando o Neiva gela; por isso, um canhão é disparado para o mostrar às pessoas. Quando alguém da margem oposta atravessa para a de cá, e só então o canhão é

disparado, ele é obrigado a voltar para [a margem de] lá. Quem tem faculdade de julgar é sensato, e isso, pode-se vir a sê-lo também através de adversidades. Sábio é aquele que se faz sensato através do ludíbrio de outros. Um homem que é jovem, e não tem muita faculdade de julgar, tem de ser amiúde trapaceado. A falta de entendimento é inocência, e é diferente de estupidez. Assim, existem povos que só conseguem contar até 5, por exemplo, no rio Amazonas. Diz-se que um homem progride apesar da sua estupidez, o que se dá porque o estúpido não faz ninguém invejoso, não pode ofuscar ninguém, e por conseguinte ele é tolerado entre homens. Aquele que deixa transparecer mais visão e entendimento, faz os outros invejosos. O estúpido tão-pouco compreende de quanto carece; daí que apreenda tudo com petulância, e isso ajuda já muito ao sucesso, e com o tempo ele adquire uma medíocre, pequena habilidade. Mas o que tem plena visão [*der Einsichtsvolle*] compreende a grandeza dos seus deveres, e faz tudo [;] pequenos mecenas sempre foram ignorantes, por certo amantes, mas não conhecedores da erudição. Colbert foi um dos grandes *mecenas*, mas não um erudito. Num Estado, nenhuma erudição florescerá num conhecedor erudito das ciências, mas sim num inculto e num amante, pois um inculto estima o erudito. Já um erudito, dirige tudo para os seus conhecimentos.

É visível que se tenha uma fraca memória, mas nunca que se seja estúpido – Pois isso requer faculdade de julgar e entendimento, para que se discirna em si o grau disto.

A falta de faculdade de julgar com engenho é tolice [*Albernheit*]; sem engenho é estupidez. O que possui o primeiro não é inteiramente sensato; o que possui o 2º é estúpido. Um homem é mais tolerável quando é estúpido, do que quando é sensato ou tolo. Mas estas palavras não são empregáveis na vida comum, pois elas trazem consigo relutância ou rancor, pois mostram meros delitos. Se um homem é estúpido, e porém imagina ser prudente, tem-se contra esta sua altivez aversão, e então designamo-lo por genuinamente estúpido – Chama-se às pessoas simplório, o que se explica porque aquele que usa de tanta meticulosidade na letra, e por isso tanto se delonga a fazer coisas fáceis, mostra uma falta de faculdade de julgar – falta apenas de faculdade de julgar é simplicidade. Ser sensato vem por experiência, não por capacidade e entendimento. Daí que seja mais ofensivo quando um diz ao outro que ele não é sensato, do que quando diz [que] ele não é prudente. Pois com o último, diz-se ao outro que lhe falta capacidade, com o primeiro, que ele não a usou. Honorabilidade e estupidez são muito confundidas e ligadas – Isto dá-se porque os homens, quando têm alguma supremacia de prudência sobre outro, usam-na imediatamente para o mal. Mas quem não tem nenhum talento, desse tem-se a certeza de que ele fará algo mal [.] No entanto, nenhum homem quer que lhe digam que ele não tem nenhuma capacidade para o mal. Isto, visam-no muitos provérbios, por exemplo: ele não trairá a pátria, ele não é nenhum feiticeiro. Georgi conta dos Tungus que estes são muito honrados, mas acrescenta que sempre que querem mentir, produzem disparates tão absurdos, que há que rir, pois eles só são honrados porque não têm nenhum talento para o contrário. O ludibriador nem sempre é mais prudente do que o ludibriado. Este supera amiúde aquele, mas quando age segundo princípios do altruísmo, ele não suspeita nada de mal[.] E se ele vier a descobrir o ludibriador, por certo não mais volta a ser ludibriado por ele. O ludibriador é amiúde mais estúpido do que o ludibriado. Até as cabeças mais

prudentes podem amiúde ser ludibriadas. Por exemplo, quando Abelardo viajava numa carruagem com um abade, este disse: Meu Senhor, um boi a voar! Onde? Onde? disse Abelardo. Ao que o outro respondeu: nunca pensei que um homem tão erudito pudesse acreditar em algo assim. Abelardo, porém, deteve-se e retorquiu: E eu antes acreditaria que um boi pudesse voar, do que um clérigo mentir. É por isso muito injusto que se tome um homem honrado por estúpido.

